

A ILLUSTRACÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 70, R. do Ouvidor.
Assinaturas.

ANNO (CÔRTE)	12.000
SEMESTRE (")	6.000
ANNO (PROVINCAS)	14.000
AVULSO	500

1º Anno. — Volume 1. — Numero 5.

PARIS 5 DE JULHO DE 1884

Director : MARIANO PINA, 6, R. de St Pétersbourg.

LISBOA

DAVID GONZALVES, 42, R. da Atalaya.
Assinaturas

ANNO	2.400
SEMESTRE	1.200
TRIMESTRE	600
AVULSO	100



ALPHONSE DAUDET

Auctor do novo romance *Sapho*.

NOTA DA REDACÇÃO

Pedimos a todos os nossos collegas da imprensa portugueza e brasileira que recebem a **ILLUSTRAÇÃO** e que desejem trocar com o nosso jornal, a fineza de enviar as suas folhas para os escriptorios da **ILLUSTRAÇÃO**, 6, rue de Saint-Petersbourg, Paris.

SUMMARY

TEXTOS: *Chronica*, por Mariano Pina. — *As nossas gravuras*: Alphonse Daudet; *Um hospede inconsolavel*: O Barão de Arinos; *Diogenes*; *Gilliat e o polvo*; *A tomada da bandeira*; *O professor*; *O jardim das Tulherias*; *A partida de xadrez*; *As experiencias de Pasteur*. — *Cancões na arca* (poesia), por Raul Didier. — *Os pastelinhos*, por Alphonse Daudet. — *Theatros*, por J. Miranda. — *Passatempo*.

GRAVURAS: Alphonse Daudet. — «Salon» de 1884: *O hospede inconsolavel*, quadro de Souza Pinto. — S. E. do Barão de Arinos. — *Diogenes*, bronze da exa. sen duqueza de Palmella. — *Gilliat e o polvo*, grupo em mármore de Carrier. — No Tonkin: *A tomada da bandeira*, desenho original de Neuville. — A lição de zoologia. *O professor*. — *Aqui estão os pastelinhos do sr. Bonnicar...*; *Onde vive cidadão?*... a enxada apoiada a uma das mãos... desenhos originaes de Jeaniot. — Paris no verso. *O jardim das Tulherias*, desenho de Adrien Marie. — *A partida de xadrez*, quadro de Meissonnier. — *As experiencias de Pasteur*.

CHRONICA

DENTRO de poucos mezes um novo livro irá fazer sensação na litteratura portugueza. Que até a Critica já anda por livrarias e redacções, impaciente, a esfregar as mãos e a afiar o dente. Porque em Portugal ha sempre fome de bons livros, — e quando algum atira com um para o mercado... Deus do ceu!... que até se ouve este barulho particular das jaulas entre bicharões eslamados, á hora da razão matinal!

Não se saboreia o acepipe de vagar, com intervallos, serenamente, como um peito de perdiz trufada n'um jantar fino de gastronomos. Devora-se! Os criticos, soffregos, dão encontrões; andam a rolar, baralhados, pelas ruas; e mordem-se entre si. É como se fôra um só corpo de branco, fresco, rosado e rechonchudo — para duzentos antropophagos famelicos!...

~~~~~ A critica divide-se então em dois grupos, depois de se ter sevado na obra — o grupo dos que dizem bem e o grupo dos que dizem mal. Por que entre litteratos portuguezes as coisas passam-se sempre d'este modo: Ou são elogios; ou são tareias. Ou o sr. é um genio; ou Vossa Senhoria é uma besta... Ou a litteratura patriá lhe fica muito agradecida pela obra-prima que nos traz; ou você é um patife que nos anda a dar cabo do gosto, da lingua e das tradições!

E não se encontram seis individuos que saibam dizer francamente, depois de terem digerido a obra d'arte, se ella é boa, se ella deve ir para a estante ou para o barril do lixo.

~~~~~ Um auctor em Portugal é elogiado ou descomposto segundo tem ou não sympathias;

Se aperta a mão a todos os criticos e lhes dá palmadinhas amigas sobre os rins;

Se os chama para caza e lhes capta a louvaminha com um charuto a tempo e com um cognac pelos cafés;

Se tem um sorriso para o imbecil que é redactor em chefe da *Trombeta lisbonense*, e uma chapellada para o idiota que faz as criticas no *Clarim de Caparica*;

Se ao insignificante diz que o seu ultimo artigo é digno de Wolff, e ao semsaborão que a sua ultima chronica tem mais espirito que todas quantas o Scholl tem escripto;

Se a este elogia a graça com que põe as polainas, e áquelle o fino gosto para a escolha de gravatas que são horribéis;

Se a um diz que ha-de metter a um canto o Eça, e a outro que ha-de fazer esquecer o Junqueiro.

O auctor que assim fizer será proclamado dentro d'um mez o homem mais notavel do seu tempo, do seu paiz e da peninsula.

Quantos não ha assim? Podem escrever a ultima das banalidades, a ultima das semsaborias. Encontram sempre um jornal que lhes abre gloriosamente a porta; um editor que os edita; um theatro que os representa.

E aquelles que teem verdadeiramente talento publicam-se-lhes os artigos por favor; editam-se-lhes os livros por esmola; representam-se-lhes as peças depois de terem abdicado dos direitos d'auctor.

A qual dos novos um director de jornal tem ido pedir para collaborar na sua folha? — Devo excluir o *Diario da Manhã*, onde os novos encontraram sempre em Pinheiro Chagas o companheiro dedicado e o amigo sincero, onde foram sempre recebidos de braços abertos, usando na chronica e no folhetim e na critica de toda a liberdade de ideias e de escolas. — A qual dos novos um editor tem ido pedir um livro? um empresario uma obra theatral?

Caem-me dos bicos da penna os nomes dos deuses de barro, dos celebres que nunca deviam ter sahido da obscuridade, dos genias que não passam d'uns insignificantes.

E porquê? Porque souberam cumprimentar a tempo; espalhar aqui, sorrisos, acolá, copos de genebra. Andam a pavonear-se pelos jornaes, pelos livros e pelos theatros. Chamam-se elles:

Trato de raspar immediatamente os seus nomes. Não quero que me crucifiquem amanhã, que amanhã me azorraguem pelas columnas dos jornaes!

~~~~~ Pedir a Deus que uma litteratura viva apenas das suas tradições, do seu passado, principalmente quando a lingua de que ella dispõe não domina sobre toda uma raça, equivale a rogar a todos os Santos da Corte do Céu que as viagens se façam em deligencias e se eliminem os caminhos de ferro, — que os homens dispam a casaca e appareçam nos bailes vestidos segundo o rigor da moda nos tempos do sr. D. Affonso Henriques.

Em Portugal quando não ha outra cousa para se dizer — berra-se contra a influencia franceza, como se os escriptores se afrancesassem por vontade propria.. Mas quem é que pode fugir á influencia d'este povo tão essencialmente litterario e artistico, sobre tudo quando nós somos como elle um povo latino, e quando é a sua litteratura e a sua arte que dominam em todo o mundo?

A litteratura portugueza é franceza. Mas franceza é a litteratura italiana, a litteratura belga, a litteratura hollandesa. Franceza ha-de ser, tem fatalmente de ser, a litteratura hespanhola. Desde o momento que é a França quem domina por toda a parte — no romance, na poesia, no drama, na critica, no theatro, na pintura, na escultura, na gravura — desde o momento que é ella quem dá a nota em todas estas manifestações litterarias e artisticas, querer affrontar a corrente, tanto mais quando se é latino, é

querer ser tólo, ou por ignorancia. ou de caso pensado!

Compreende-se que a Allemanha, que a Inglaterra, que a propria Russia, tentem fechar a porta á invasão latina. Mas as trancas não são bastante fortes para resistir á poesia de Musset, de Baudelaire, de Hugo, de Lecomte de Lisle; ao romance de Balzac, de Flaubert, de Zola, de Daudet, dos Goncourt; aos dramas de Dumas e ás comedias de Sardou; ás criticas de Gautier, de Paul de Saint-Victor, de Taine; á musica de Berlioz; á escultura de Carpeau e de Mercier; aos quadros de Corot, de Courbet e de Millet. Não ha portões que resistam ás fortes trez pancadas da onda, que manda abrir, não em nome da Lei, mas em nome do Genio!

E nós portuguezes não temos mais que acompanhar a França n'esta famosa batalha da intelligencia que se está dando por toda a parte. Não é uma simples questão de amor proprio e de caturrice nacional. É assumpto mais elevado onde não chegam as vistas da miçalga que berra contra a França. Trata-se d'uma questão de raças. É toda raça latina que anda empenhada n'esta luta do espirito — e é ella que ha-de sahir vencedora!

~~~~~ Ou havemos de ser francezes, isto é, havemos de acompanhar com os francezes, ou não seremos nada. Para onde nos voltar? Para a Inglaterra? para a Allemanha?... Seguir o romance de Jorge Elliot? Mas Jorge Elliot é um simples continuador de Balzac. Escrever theatro como o escrevia Schiller? Escrever prosa e verso como escrevia Heine? Mas Heine é o allemão menos allemão e mais francez que se conhece...

Quem é que querem dar como modelo a escriptores portuguezes se lhes tiram o romance de Balzac e de Flaubert? a poesia de Musset, de Hugo ou de Coppée? o theatro de Dumas, de Sardou, ou de Augier? o jornalismo de Villemessant ou de Girardin?

Dizem os D. Quixote das tradições e do famoso bom gosto que as paixões sendo sempre as mesmas, em todos os tempos e em todas as sociedades, não temos mais que seguir os modelos que nos deixaram os antepassados. Sim, meus senhores! As paixões são sempre as mesmas. Simplesmente — Romeu anda de casaca, e quando quer aproximar-se de Julieta, em vez d'escada de seda compra a criada de Julieta com uma caravela de doze. E mette-se na escada á meia noute!

O *Eurico* é uma obra prima; mas o artigo passou de moda e perdeu a cotação nos mercados d'hoje. Os livros precisam ser feitos d'outro feitio. E ninguem se lembra de ir escrever a chronica do nosso tempo, os nossos prazeres, as nossas tristezas ou os nossos appetites dispondo apenas do estylo de Bernardim Ribeiro.

~~~~~ Muita gente grita contra a invasão de palavras francezas na nossa litteratura. Mas que litteratura é essa que os srs. andam para ahi a discutir, que nem é digna da tinta que por sua causa se tem gasto? Preocupam-se por ventura Renan ou Taine com a invasão de palavras inglezas em certos artigos de jornaes parisienses. De certo que não — por que esses artigos não fazem parte da litteratura franceza, e essas palavras não entram nos livros serios.



Os que usam em Portugal de semelhantes termos; os que imaginam ser célebres fallando em *Pommaré* sem nunca o terem bebido, fallando em *Rocquefort* sem nunca o terem provado, fallando em *Lubin* sem nunca terem gastado dez francos com um frasco; os que chamam *horizontaes* e *cocottes* a umas hespanholas que vieram de Sevilha e que descem o *Chiado* com todo o ar de cigareiras; os que chamam *gommeux* e *pschuteux* a meia dúzia de cat'linhas de chapéu á banda e sapatos de salto de prateleira fazendo avarias nas esperas de touros; os que chamam *sportman* ao primeiro sujeito que desce o *Pote das Almas* n'uma aranha de mau gosto; os que fallam nos *boudoirs* de setim, — e no *five o'clock tea*, — e nas « ostras regadas a Champagne » — e nos « camarões em gabinete particular » — e nas valsas de Strauss que nunca ouviram, — e no *boulevard* que nunca viram, — e nas ceias do *Bignon* que nunca hão de lambem... são os banaes, os mediocres, os que andam a pescar originalidades nas notícias do *Gaulois* e mais do *Gil-Blas*.

Da litteratura franceza o que temos a aproveitar e o que devemos aproveitar é a maneira de surpreender e estudar o assumpto, a maneira de dizer as cousas, de trabalhar o estylo, de arranjar o dialogo, de escrever o romance, de recortar a chronica. Da litteratura franceza ha a aproveitar o que aproveitaram Eça, Ramalho, Junqueiro, Pinheiro Chagas, quando este se dispõe a fazer pura litteratura. Por que uma rhetorica tem a sua moda de tempos a tempos, como as saias e os chapéus de senhora, — e essa moda só Paris a inventa e a espalha. Aproveitar apenas d'uma litteratura meia dúzia de palavras, e mettel-as á força, sem necessidade e sem nexo, no primeiro folhetim que se escreve, equivale a comer cascas de laranja e dizer ao mundo, arrogantemente, que já comeu laranjas!...

~~~~ Eça de Queiroz leu-me ha pouco tempo, aqui em Paris, alguns capitulos do seu novo romance — *Os Maias*. Quando o livro apparecer leiam-n'o serenamente, e digam-me depois se não é esse o verdadeiro typo do romance moderno, como elle deve ser comprehendido, como elle deve ser feito, como elle deve ser escripto.

Pelo menos em Paris não se escreve melhor, não se rabisca melhor n'uma folha em branco uma ideia ou uma sensação. Ha poucos annos ainda, Eça de Queiroz ja apenas na onda. Hoje é uma das primeiras cabeças que se destaca do grupo dos que vão na frente. Se a França soubesse ler nos nossos livros, *Os Maias* fariam de Eça de Queiroz o unico continuador da obra de Flaubert. O seu dialogo é uma maravilha de precisão e de justeza. Os seus personagens tem formas de expressar, como só se encontram identicas nos personagens de Balzac. Depois, o seu estylo perdeu toda a preocupação de *chic* de que outra se ressentia, — e a ideia é expressa pelo menor numero de palavras. Mas em cada palavra empregada, em cada phrase que o artista formou, em cada periodo que passa sob os nossos olhos — que vigor de tinta! que frescura de colorido! que delicadeza de luz!

O seu novo livro é a expressão escripta de toda a arte moderna. A plastica dos seus melhores typos são obras-primas de escultura, e parece que só se servio do desenho e colorido de Meissonier e de Fortuny, e da poesia e sentimento de Corot e de Millet.

~~~~ Um romance da ordem dos *Maias* não é nem realista, nem romantico, pela simples razão de que é apenas um bom livro. Que os realistas portuguezes meditem n'esta obra e se deixem por uma vez d'esse modo ridiculo e fastidioso de fazer estylo á moderna. Na obra d'arte exige-se uma grande sinceridade de concepção e uma grande simplicidade na maneira de dizer. Tudo quanto fôr affectado, tudo quanto se fizer com preocupação d'escola ha-de morrer amanhã.

É necessario varrer d'uma vez para sempre com toda a banalidade d'essa nova rhetorica para mediocres. É necessario vasculhar de todos os livros:

— Esses *cous d'un azul espiritalisado e mauso*...

— Esses *agues de saphyra onde os choupos erguem a magreza esquelética de seus corpos agudos como punhaes, melancolicamente*...

— Essas *eternas moscas alastrando zumbidos no ambiente amollecido*...

— Esses *latidos de cães perdendo-se na negra amplidão da noite sem ecos*...

— Esse *sol que transforma todos os rios d'agua doce em rios de metaes em fusão*...

— Esses outros soes que batem sempre de chapa e põem scintillações, e põem tonalidades, e põem scintillas...

— Essas luas que *tambem põem sobre os dorsos dos oceanos*, — e os oceanos que *tambem põem na atmosphera o denso resfolgar de seus peitos d'ago*...

— E *sinos que põem cousas no ar, e can-dieiros que põem cousas nos tectos*...

— E que *sim!* que não fosse agora! que *tambem não queria*, concordava! que isto de vida era mesmo uma borracheira... e *garalhadas alastravam-se no ar enfumacado e tristonho, onde rôlos de fumo se erguiam em doces rythmos de cousas orientaes, melancolicamente*...

— E *taipaes punham-se, e brancuras de saias passavam, e homens tossiam com grandes espectorações ruidosas*...

~~~~ E mais o mau raio que os ha-de partir a todos! que até os imbecis passam por homens de talento, e os homens de talento quando escorregam na lama passam por imbecis.

Contra isso é que é berrar! Esses é que é necessario enxotar-se para fóra da estrada, e que o caminho fique livre aos homens que tem alguma cousa dentro em si.

Quanto a gritarem contra a corrente franceza, quanto a fazerem-lhe opposição, não pensem n'isso — por que é immodestia, se não tolice. Quando a enchente é grande, não ha açudes que resistam. Fiquem certos d'isto:

A propria corrente franceza se entarregará ou de dar cabo de vossas senhorias se lhe querem pôr obstaculos, ou de deixal-os pelas margens se os srs. para nada valem, ou de fazer dos amigos individualidades, poderosas como Eça, Ramalho ou Junqueiro, se os amigos tem alguma cousa na puca-rinha do craneo!

MARIANO PINA.

EXPEDIENTE

~~~~ **A**STRAS de fallarmos do brinde que vamos oferecer a todos os nossos assignantes juntamente com o 6.º numero da *Illustração*, temos que dizer duas palavras sobre o que promettemos ha tres mezes ao lançar

os nossos prospectos, e o que temos feito desde que appareceu o 1.º numero do jornal.

Em Portugal e Brazil, em assumpto de publicações illustradas, esta-se acostumado a prometter muito... e a dar muito pouco! Ora nós procuramos fazer exactamente o contrario. — e não nos damos mal com o systema, pois que as assignaturas surgem de todos os lados e as nossas tiragens augmentam de numero para numero.

Concedemos por prometter, papel e formato egual ao do prospecto — e damos logo methodo papel e maior formato.

Promettemos 6 e 7 paginas de gravuras, isto é: podiamos sem escandalo ficar apenas nas 6 paginas e de tempos a tempos chegar ás 7. Pois temos dado sempre as 7; os tres primeiros numeros trouxeram 8 paginas com gravuras; e este numero chega a trazer dez paginas illustradas!

Os nossos collaboradores artisticos tem sido simplesmente os nomes mais celebres da Europa: Carolus Duran, Meissonier, Newville, Van Beers, Adrien Marie, Liphart, Mars, Jean-Baptist, Wagniez, Rousseau, Ronboud, Renouard, Regamey, Giacomelli, Benoit, Read, Baudé, Ulrich, etc. E entre estes nomes destacam-se nomes especialmente estimados e applaudidos em Portugal e Brazil — Raphael Bordallo Pinheiro, Rodolpho Amvedo, M. de Macedo e Christina.

Os nossos collaboradores litterarios tem sido simplesmente os nomes mais celebres da Europa: Alph. Daudet, François Coppée, Goncourt, Quatrelles; já apresentamos um magnifico artigo do grande romancista Eça de Queiroz; e temos publicado trabalhos de dois brilhantes poetas — de Luiz Guimarães e de Jayme de Segur, e d'um dos mais distinctos prosadores portuguezes — de Fialho d'Almeida.

E tudo isto quando apenas vamos ao 5.º numero, quando ainda lutamos com todas as difficuldades que rodeiam sempre uma empresa nascente — sobretudo quando essa empresa deseja cumprir dignamente o seu programma.

Com o 6.º numero a *Illustração* finda o seu primeiro trimestre e parece-nos chegado o momento de oferecer um

### brinde a todos os assignantes

que consiste na reprodução a cor d'um soberbo quadro maritimo de Reinhart, quadro que teve um enorme successo no Salon de Paris de 1883. É um d'estes dramas extraordinarios que se passam á beira mar, em dia de grande temporal. Um bando de mulheres de pescadores em volta d'um crucifixo a pedirem a Deus pela salvação dos maridos e investigando ansiosamente o horizonte para ver se descobrem lá ao longe a brancura d'uma vela. É uma scena altamente commovedora e que o pintor tratou com mão de mestre.

Este brinde será distribuido com o 6.º numero.

O quadro de Reinhart será tirado a cor, e aparte, proprio para encalixilar. O 6.º numero com o brinde constará de 20 paginas, não sendo por isso alterado o seu preço.

Repetimos. Este supplemento artistico é gratis, e acompanha somente os numeros dos assignantes da *Illustração*. Não vai com os numeros da venda avulsa.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### ALPHONSE DAUDET

**A**LPHONSE DAUDET faz parte d'um grupo brilhante de escriptores francezes, profundamente sinceros, para os quaes uma obra não existe quando ella não é verdadeira. E d'aquelles que começaram por olhar bem a vida e por estudar os homens antes de fallar do homem.

Em vez de ir buscar apontamentos e notas aridas ás noticias biographicas que se idem feito do illustre romancista, parece-nos preferivel por em evidencia a autobiographia que se encontra espalhada na propria obra do escriptor cujo retrato a *Illustração* offerece hoje na sua primeira pagina, finamente desenhado por Liphart.

Nasci em 13 de maio de 1840, n'uma terra do Languedoc, onde se encontra, como em todas as terras do Meio Dia, muito sol, bastante poesia, um convento de carmelitas e dois ou tres monumentos romanos.



« SALON » DE 1884. — O hospede incensível.

Quadro de Souza Pinto.

E d'este modo que começa o *Petit Chose*, este romance delicadíssimo feito de recordações e de impressões de mocidade, onde Alphonse Daudet contou toda a sua infancia. O biographo não tem mais do que seguir, pagina por pagina, os quinze primeiros capitulos d'este livro que foi sentido, completando aqui e ali algumas passagens deixadas na sombra pelo romancista; indicando por exemplo, que a terra do Meio Dia a que se allude é Nîmes.

No *Petit Chose* conta Daudet toda a sua mocidade, os recursos modestissimos de sua familia, a sua ida para Lyon, a sua entrada aos dezeseis annos como empregado n'um collegio, e depois a sua vinda para Paris, para onde o chamou seu irmão, Ernesto Daudet, um romancista habil mas que se entregou somente ao genero do romance-folhetim dos jornaes baratos, a que Paris chama « os romances de boulevard. »

Depois da sua entrada em Paris, o *Petit Chose* segue um outro rumo, ora acompanhando a verdade, ora distraindo-se no campo da pura phantasia. Os primeiros annos do roman-



S. EXCIA. O BARÃO D'ARINOS, novo ministro do Brazil em Paris.

cista na grande capital, onde elle sonhava a celebridade, foram cruéis. Conheceu o frio, conheceu a fome, e muitas vezes se deitou com o estomago vazio, sem ter dois sous na algibeira para comprar uma vella e poder estudar!

Mas em 1857 encontrou um editor que lhe publicou o seu primeiro volume de versos — *Amoureux*. Este livro foi a revelação d'um grande talento, encontrando compradores até mesmo nas Tullerias. A ex-imperatriz Eugénie vio-o, leu-o, e leu algumas paginas ao duque de Morny.

Morny, um fino amador de litteratura, o pae do actual duque de Morny que apenas se recommenda em Paris pelos seus oros de *psyché* e pelo corte extravagante e a extravagante cor das suas casacas — Morny mostrou desejos de conhecer o moço poeta, e tanto cabiu nas sympathias do duque, que este lhe offereceu o emprego de secretario addido ao seu gabinete.

Educado por um pae muito legitimista, Alphonse Daudet tinha medo de se vender aceitando semelhante emprego d'um personagem politico que pertencia a outro partido. Com a



CALLIAS E O POLVO  
Grupo em mármore de Carlier.



DIÓGENES  
Bronze de S.<sup>o</sup> duquesa de Palmella.



ingenuidade e a franqueza d'uma criança, declarou ao duque que era legitimista.

Este rio muitíssimo.

— Seja o que quizer, pouco me importa... com tanto que ha-de contar os cabelos!

Alphonse Daudet não os contou. Foi esta a unica dissensão que teve com Moray. E ainda hoje Daudet se distingue no boulevard pela belleza artistica d'esta cabeça que conserva um grande ar de romantismo misturado d'uma poesia e d'um encanto quasi religioso.

Foi o duque de Moray que lhe proporcionou a occasião de viajar, percorrendo a Italia, indo a Hespanha, indo á Algeria, indo mesmo á Orieute. Foi d'estas viagens que elle trouxe todo o colorido das suas paginas de romance, todas as comparações originaes e imprevistas que se encontram no seu estylo delicioso. Daudet esteve cinco annos com o duque de Moray, e foi junto d'este homem notavel que elle pôde observar o Paris de todas as distincções e de todas as galanterias, observar de perto a mais bella e mais curiosa sociedade da Europa — a corte franceza no tempo de Napoleão III.

Não obstante ter sido grande o seu successo como poeta, Daudet teve sempre uma tendencia para o romance, não o romance de pura phantasia litteraria, mas o romance observado e sentido, o romance que se conhece no mercado dos livros com o nome de *romance realista*.

Os seus primeiros livros em prosa foram as *Lettres de mon moulin*, *Tartarin de Tarascon*, *Contes du Lundi*. Seguem-se depois os livros de grande folego, os romances completos, d'um grande desenvolvimento de acção e d'uma larga observação de personagens, taes como:

*Fromont jeune et Risler aîné*, uma joia litteraria, premiada pela Academia franceza, um dos mais notaveis romances de Daudet;

*Jack*, romance em dois volumes que appareceu no *Moniteur*;

*Nabab*, grande romance parisiense onde elle desenha soberbamente o typo do duque de Moray sob o nome do duque de Mora;

*Reis no exilio*, um estudo esplendido de todos os principes exilados que se tem refugiado em Paris;

*Numa Roumestan*, a synthese do typo forte e arrojado do Meio Dia, o desenho do provincial que chega a Paris conquistando em poucos annos a grande cidade; romance onde se advinha o retrato de Gambetta;

*Evangelista*, estudo do mundo religioso, das varias seitas da propaganda da fé, tendo as suas egrejas e os seus recolhimentos em pleno Paris;

E ha poucos dias *Sapho*, livro que tem uma dedicatória eloquentissima aos filhos, para que estes leiam o romance quando tiverem vinte annos, onde se estuda este estado social que o *argot* parisiense appellidam de *collage* e que consiste na facil ligação d'um rapaz e d'uma rapariga, donde resultam os *faux ménages* que tem annullado tanto, tantissimo talento, — romance d'um vigor extraordinario de observação e de verdade e que está sendo o maior successo de Ba na livreria franceza.

Alphonse Daudet tambem já abordou gloriosamente o theatro, sem contar as peças extrahidas dos seus paguinhos romances, tra aindá: *Étillet blanc*, *Père aîné*, *Sacrifice*, *Lise Tavernier*, *Absents*, *Arlesienne*, e *Dernière Idole*, este acto soberbo de observação, de verdade humana, de dialogo delicadissimo — mas que em Lisboa, quando appareceu no *Gymnasio*, foi devidamente censurado e apedrejado por alguns imbecis em cujas mãos cahiu; nem nós sabemos como, a critica dramatica do jornalismo lisbonense. Finalmente, Daudet tem alcançado tudo quanto convém a reputação d'um escriptor. Até o desagrado de criticos lisboetas!

Um illustre critico parisiense dizia um dia o seguinte do theatro de Daudet:

« O que se deve dizer das obras dramaticas de Alphonse Daudet é que formam um theatro sem concessões nem compromissos. O auctor, compondo uma scena, não pergunta: Agra-

dard isto? A unica pergunta que faz é: Isto *estará bem feito?* Todas as suas peças são obras d'artista, escriptas n'esta lingua originalissima, que procede de Rabelais pela franqueza, e de Montaigne pela riqueza. Tem todas vistas largas, pensamentos elevados, e detalhes d'uma observação profunda, — poder, e comegão e sinceridade ».

Pois apesar de tudo isto, quando *Dernière Idole* foi á scena no *Gymnasio*, na noite da primeira representação varios idiotas que a *Baixa* parece tomar a serio andavam pelos corredores, furiosos, damnaados, exclamando: *Que bonacheira!* — como se tivessem acabado de ouvir um drama de Rosalino ou de Jayme José.

Zola e Daudet são hoje os dois grandes mestres do romance moderno, do tal romance realista que uma certa *blague* tentou ridicularisar aqui ha dez annos, mas que se impõe por toda a parte, influenciando em todas as litteraturas do mundo, e produzindo em Portugal — Eça de Queiroz, o mais brilhante continuador da obra de Flaubert e Zola.

Daudet é um delicado, um nervoso, e todos os seus romances vivem n'uma deliciosa atmosfera de poesia que atrah e que enleva. A sua vida é das mais tranquilas. Casou ha annos com uma senhora intelligentissima de quem já tem dois filhos, dois *debes* adoraveis, e o nome de M<sup>re</sup> Daudet tem apparecido em varios jornaes de Paris assignando trabalhos que pela sua natureza muito se aproximam com os da brilhante escriptora Maria Amalia Vaz de Carvalho. Daudet habita n'uma bonita casa da Avesida do Observatorio e é facil encontrá-lo todas as manhãs, passeando um filhito pela mão, sob os doces platânos dos jardins do Luxembourg. Iseo enquanto não chegam os calores terribes de julho e agosto — por que n'esses mezes vai para o campo, habitar uma casa sob as margens do Sena — uma grande casa branca, um jardim discreto, a vista dos campos, a sombra dos bosques, longas horas dadas ao trabalho, passeios de manhã sobre o Sena, a descoberta das ilhas ainda escondidas nas brancuras dos nevoeiros que o poeta interroga e que só os artistas comprehendem.

Daudet é um escriptor honestissimo. Os seus romances são feitos e refeitos treze quatro vezes antes de os mandar para a typographia. Se quizesse escrever dois livros todos os annos podia ganhar mais ouzo que qualquer banqueiro da moda. Mas quer a sua obra perfeita, o dinheiro não o tenta, a sua vida é feliz, e quando escreve o seu nome na pagina d'um novo romance quer poder dizer á sua consciencia: *O que aqui está é o melhor que eu sei fazer!* Honra lhe seja...

O retrato que a *Illustração* de hoje deve ser visto com prazer e com curiosidade, por que Daudet é um dos romancistas francezes que maiores sympathias tem conquistado em Portugal e Brazil. Tambem damos mais adiante um conto pequeno e singelo do auctor da *Sapho*, illustrado por Jeanniot, e que pertence á sua serie de Contos — scenas observadas durante a guerra franco-prussiana e durante a *Communa*.

## O HOSPEDE INCONSOLAVEL

OFFERECIMOS hoje aos nossos leitores a reprodução do quadro do distincto pintor portuguez Souza Pinto, quadro esse que figurou dignamente no *Salon* de 1884.

O anno passado Souza Pinto obteve uma menção honrosa quando expoz a sua espirosvosa tela *La Culotte déchirée*. Era um quadro delicioso que nós ainda havemos de reproduzirem gravura, onde o artista se revelou com poderosas qualidades de desenho e de colorido. E se este anno o artista não foi recompensado de-ve-o talvez ao ter-se deixado arrastar pelas recordações sympathicas da sua outra tela premiada; reproduzindo no seu quadro d'este anno o mesmo aspecto d'interior dos mesmos detalhes da *Culotte déchirée*. Se elle tivesse abandonado

aquella pittoresca chaminé de Broiles que já havia figurado no seu primeiro quadro de genero e se tivesse procurado novo assumpto em outras paragens, Souza Pinto teria agora uma medalha de 3<sup>a</sup> classe de que é digno pelo muito que tem estudado em Paris e pelo muito que tem progredido.

Dos modamos artistas portuguezes é um dos que mais honra faz ao seu paiz, no estrangeiro. Se os louvores que ultimamente tem grangeado o não embriagarem um pouco, Souza Pinto ha-de ser em breves annos um artista com um nome não só respeitavel em Portugal, mas tambem em Paris onde os seus trabalhos são verdadeiramente apreciados por artistas, colleccionadores e criticos. Não lhe faltam apétidos. Desenha admiravelmente e o seu colorido possui um britho e uma frescura e uma limpidez que causa invejas a palhetas de mestres. Não lhe falta tambem talento. Atravessa, porém, a terrivel quadra em que começa a ser incensado pelo elogio — e quantos artistas se não tem perdido pensando terem chegado á ultima perfeição, desprezando applicação, desprezando estudo!

O *Hospede inconsolavel* é um quadro estudado e observado no campo francez, em Broiles, proximo de Fontainebleau, a duas horas de Paris, onde Souza Pinto tem o seu *atelier* passando ahi a maior parte do seu tempo.

Souza Pinto é um rapaz ainda novo — vinte e quatro annos quando muito. É pensionista do governo portuguez e antigo alumno da Academia de Bellas Artes do Porto. As suas obras mais notaveis são os dois quadros a que nos referimos — a *Culotte déchirée* e aquelle que a nossa gravura representa. Mas ha d'elle varios retratos magnificos, revelando-se sempre em todas as suas telas um artista que possui um grande segredo e uma grande sciencia de desenho e de colorido.

## O BANÃO DE ARINOS

— Deseja pormenores acerca da minha vida?... — Da vida publica, sim, sr., que a privada está protegida pela lei Guillaouet.

— Pois, consulte o Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Ahi encontrará as datas das minhas diversas nomeações diplomaticas... Para o mais, o campo da imaginação não tem limites.

— Qual imaginação! Ha muito que ando brandando com Emilio Zola: *Plus d'Imagination!*

Aqui vão, portanto, alguns apontamentos relativos simplesmente á carreira official do Conselheiro Thomaz Fortunato de Brito, nomeado recentemente para dirigir a Legação imperial em Paris, na qualidade de enviado extraordinario e Ministro plenipotenciario do Brazil junto da Republica Franceza.

O Barão de Arinos é um dos mais antigos diplomatas brasileiros. Entrou, com effeito, para a carreira a 25 de Janeiro de 1847, lá se vão trinta e sete annos. Em quanto foi addido, andou empregado em diversas Legações na Italia; esteve em Turim e em Roma, até que, em 1855, passou para o Rio da Prata; como secretario! Nomeado encarregado de negocios a 9 de Dezembro de 1858 junto do governo do rei das Duas-Sicilias, foi removido, em fins do anno seguinte, para a Dinamarca e Suecia-Noruega, e, a 30 de Maio de 1863, para a Italia.

Dahi a dois annos, em Abril de 1865, foi para o Uruguay como ministro residente, e, em Janeiro de 1867, o governo imperial mandou-o em missão especial ao Rio da Prata, promovendo-o a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario.

No mez seguinte, o Conselheiro Arinos foi nomeado para a Legação imperial na Belgica, onde ficou por largos annos.

A 25 de Agosto de 1880 foi nomeado arbitro das reclamações franco-americanas em Washington, e, finda a sua missão, foi remo-



vila para Paris, onde se acha presentemente o illustrado e sympathico Barão de Itajubá, que dirige a Legação imperial, em França, durante tres annos, com distincção e excepcional patriotismo.

O Barão de Arinos é solteiro. Entre os seus collegas goza reputação de varão affável e lhano, de funcionario exacto e intelligente.

## DIÓGENES

ENTRE OS portuguezes que estão no expozim no Salon de Paris, destaca-se o nome d'uma senhora da primeira sociedade de Lisboa, que já era celebre pelo seu nome aristocratico e que hoje está adquirindo no seu paiz e fóra d'elle uma outra celebridade não menos invejavel nem menos gloriosa — a celebridade artistica. Referimo-nos á senhora duquesa de Palmella.

Ainda ha vinte annos as senhoras portuguezas, no tocante a *prendas*, limitavam-se apenas a bem poucos trabalhos. A Capital cultivava o piano e os quadros a escomilha — tocavam-se cousas no genero do *Mendigo* e bordavam-se naufragios a cabelo. A Provincia fabricava camponesas de missanga e trouxas d'ovos. Capital e Provincia tinham por fim dar cabo dos ouvidos e dos pianos; espalhar maus pineis pelas paredes; e fazer gulosos!...

N'estes ultimos vinte annos as cousas tem mudado muito de figura. As senhoras portuguezas tem-se civilisado, têm posto de parte para a educação de suas filhas as *prendas* obrigatórias de todos os conventos de freiras.

Paris parece ter-se aproximado de Lisboa. Nas salas já se conhece a arte de vestir, a arte de conversar não só n'uma lingua, mas em duas e tres. A litteratura feminina apresenta um nome notabilissimo, como só se vêem outros egues no jornalismo parisiense — D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Em pintura a oleo e em pintura de faianças temos artistas e amadoras notaveis — D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro e as filhas de Ramalho Ortigão — e se os seus nomes não figuram nos catalogos do Salon de Paris é que a sua modestia não lhes consente afrontar o famoso jury, que havia comtudo de as acolher com enthusiasmo — como este anno acolheu a illustre senhora de quem a *Illustração* reproduz hoje o *Diogenes*, bronze que obteve uma menção honrosa, sendo reproduzido nas paginas dos primeiros jornaes de Paris — na *Illustration*, no *Monde Illustré* e na *Vie Moderne*.

O *Diogenes* fez figura brilhante no Salon, no grande recinto reservado para a secção d'esculptura. É uma obra tratada com largueza, com um enorme respeito das formas academicas, typo imponente e magestoso, erguendo a lampada á altura da testa para bem ver na multidão os dois grandes grupos que compõem a sociedade — o grupo dos homens dignos e o grupo dos indignos.

Não foram só os jornaes illustrados de Paris que fallaram com admiração do bronze da sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella. Foram tambem os jornaes diários, — e foi com verdadeiro orgulho que nós vimos os nomes mais considerados da critica franceza rubricar palavras de elogio e de sympathia pela dama illustre que tinha gravado o seu nome naquelle obra d'arte.

Da belleza do *Diogenes* falla melhor a gravura que hoje damos que todas as palavras de que poderiamos dispor. A *Illustração* apresentando nas suas paginas a copia d'um trabalho artistico d'uma das damas mais distinctas da sociedade portugueza, aproveita esta occasião para testemunhar todo o respeito e toda a sympathia que lhe merece talento tão brilhante.

## GILLIAT E O POLVO

O magnifico grupo que hoje reproduzimos figurou brillantemente na exposição triennale de Paris, promovida ha poucos mezes ainda pelo governo francez.

Todos reconhecem o assumpto por que todos em Portugal e Brazil têm lido, ou no original francez ou nas traducções que se tem feito. Os *homens do mar* de Victor Hugo. Foi n'esse poderoso romance, a que antigamente classificavam de *romantico* e que hoje, pelos tempos de *realismo* que vão correndo, se considera simples e puramente como uma obra-prima, — foi n'esse romance extraordinario de concepção e de grandesa dramatica que Carlier encontrou ideia esplendida para executar esculptura tão bella e tão vigorosa.

O pescador está entregue ao seu rude trabalho e o polvo, que o surpreendeu, em pouco tempo o tem algemado com os seus terribes tentaculos. A scena é verdadeiramente tragica. É uma luta medonha que se va travar entre o homem e aquelle animal d'uma força prodigiosa, que o ha-de triturar, que lhe ha-de sorver todo o sangue, abandonando-o apenas quando elle estiver morto.

Mas Gilliat é homem do mar destemido e ousado, não desanima, e dentro em pouco a sua fúria ha-de libertar-o d'aquellas prisões terribes. Tem confiança na sua lamina e no seu pulso. O polvo é temivel; mas mais temivel ainda é a sua coragem e o seu sangue-frio. A victoria é certa.

Carlier, o distincto esculptor francez inspirado pela leitura de Victor Hugo produziu um grupo soberbo, onde ha vasta abundancia de talento e larga sciencia de execução. O jury da exposição andou dignamente premiando o esculptor que é um dos artistas mais estimados da imprensa e do publico parisiense.

## A TOMADA DA BANDEIRA

AQUI temos hoje um outro nome notavel nas paginas da *Illustração*, desenhando um episodio da guerra que a França ainda ha dois mezes sustentava no Tonkin contra os chinezes disfarçados sob o nome de *pavilhões negros*.

O desenho é de Neuville, o celebre pintor de batalhas. É uma pagina d'uma grande elevação artistica, profundamente commovedora, profundamente dramatica. — Um soldado francez que arranca das trincheiras o lugubre estandarte negro do annamita, fluctuante no extremo d'um bambú, e tendo a seus pés o cadaver do camarada, do pobre zuaivo, da victim do dever, que foi á Asia para defender a dignidade da bandeira tricolor e que encontrou a morte nas lanças dos bandidos que elle queria repellar.

É uma pagina soberba da qual não tentamos sequer fazer o elogio nem pôr em relevo as bellezas, por que saltam aos olhos de todos. A *Illustração* só tem que se felicitar por poder apresentar aos seus leitores a collaboração d'este grande pintor de batalhas, tão celebre não só em França, mas em todo o mundo.

## O PROFESSOR

A NOSSA gravura representa um professor d'uma universidade ingleza, no momento em que está fazendo a sua prelecção de zoologia. É um d'estes bons velhos illustres, compunheiro dos grandes homens de sciencia que se chamam em Inglaterra — Tindall, Spencer, Stuart Mill ou Darwin, e em França — Pasteur, Renan, Wurtz ou Jamin.

É em Inglaterra o paiz onde os professores

mais a serio tomam esta palavra — *magisterio*. A sua toga dá-lhe um bello ar de respeitabilidade talvez um quasi nada theatral, mas muito preferivel a este aspecto vulgar e commum do professor portuguez — uns, junotas, de riscá ao lado, empomados, bigodes frisados, suissas que penteiam na aula enquanto ouvem os alumnos, frack, luvas vermelhas e colorinhos á cutia — outros; desleixados, casacos sujos, unhas negras, barba por fazer, no verão usando uma rabona de lustrina cheia de nodos, de inverno um *gardessus* já russo e rói e um *cache-nez* de côr duvidosa.

Esta democracia de *toilette* é ás vezes irritante. Os rapazes a um chamum-lhe o *catilinha*, a outro o *ginja*, a um terceiro o *gato pingado*. O professor inglez não tem que recear alcunhas. Todos vestem do mesmo modo, todos têm a mesma gravidade austera diante do seu publico de rapazes — de todos os publicos — mais temivel, o mais exigente, o mais perigoso, por que dispõe d'uma grande arma... a troca!

## O JARDIM DAS TULHERIAS

HEMGA o calor. O Paris dos argentarios va para o campo e va para as praias. Mas o campo e as praias custam caro e uma grande parte de Paris fica em Paris, passando alegremente as tardes pelos seus parques e pelos seus jardins. De todos os jardins de Paris, ha tres que são os mais celebres e os mais frequentados — Luxembourg, Tulherias e o parque Monceau.

Luxembourg tem um aspecto particularissimo por que se acha no centro do *quartier latin*, o bairro dos estudantes. É apenas frequentado pelos rapazes das escolas e pelas raparigas que pelas *brasseries* dão a nota alegre da vida academica.

O parque Monceau é onde se vêem as familias dos millionarios e dos artistas ricos.

Só as Tulherias dão a ideia perfeita da vida parisiense. O nosso collaborador Bernazik desenhou elegantemente um trecho do jardim por uma d'estas tardes de verão. Vêem-se no seu desenho todos os typos que frequentam as Tulherias. A parisiense que dá um *rendez-vous* d'amor; as crianças que correm alegremente; as amas, com as suas toucas brancas conversando á sombra dos platanos; e de quando em quando passa a figura d'um abbade, de chapéo de grandes abas, lendo tranquillamente o seu livro de orações.

A scena tratada por Bernazik é das mais simples, mas a execução é felicissima.

De que fallam aqueles dois? De que se falla em Paris em semelhante circumstancia? D'um assumpto alegre onde não deixa de não intervir o eterno amor esta febre que é um dos grandes caracteristicos de Paris, origem de tanta scena pittoresca que nós todos mais ou menos temos encontrado pelos romances Dumas e pelos romances de Feuilleton.

Ao jardim das Tulherias pode-se chamar — o jardim dos apaixonados. Quantas declarações nos sons de banda marcial tocando um trecho do *Fausto*! quantos beijos furtivos ao longo das ruas bordadas de castanheiros!...

## A PARTIDA DE XADREZ

A ILUSTRAÇÃO desejando commemorar dignamente o cinco-centenario artistico do grande pintor Meissonier apresentou no seu 4.<sup>o</sup> numero um magnifico retrato do artista devido a penna delicada e elegantissima de Liphart que hoje de novo apparece na primeira pagina do nosso jornal, desenhando a cabeca de Alphonse Daudet.

Vimos, porém, que o retrato de Meissonier não era bastante, e tratamos de obter a repro-



NO TONNIN. — A tomada da bandeira.  
Desenho original de Neuville.





A LIÇÃO DE ZOOLOGIA.

dução d'um quadro do illustre pintor. Não era coisa tão fácil como a primeira vista possa parecer — a realização do nosso desejo. O artista rarissimas vezes permite que os jornais illustrados lhe reproduzam as suas telas, de que há apenas no mercado reproduções a agua-forte, custando cada exemplar duas e trez libras.

A última gravura de Meissonier que foi ter da mão do publico por um preço relativamente modico (3 francos) appareceu no *Figaro illustrado*, no numero do Natal de 83 que o *Figaro* de Paris mandou imprimir a Londres, nas officinas donde saem os numeros coloridos do Natal do *Graphic* e da *Illustrated London News*.

A nossa *Illustração* graças ás boas relações em que se acha com os primeiros artistas de Paris que não hesitam em collaborar n'este jornal, ponde obter do notavel pintor a reprodução d'um dos seus melhores quadros. — A *partida de Xadrez* — reprodução que foi feita pelos ultimos processos da gravura chimica.

Se não podemos dar aos nossos leitores uma ideia do colorido, a nossa gravura deixa pelo menos advinhar quanto é cuidadoso e paciente o desenho de Meissonier, ao mesmo tempo que dá uma ideia completa do seu genero de quadros e dos seus assumptos favoritos. É um artista que leva o acabamento até ao rigor microscopico, não deixando de indicar sobre a tela o mais insignificante detalhe. A inspiração é que ás vezes lhe foge — mas salva-se pela prodigiosa execução, sabendo dar a mais imperceptível *nuance* no colorido, encontrando sempre na ponta do seu pincel o traço ainda o mais delicado que ás vezes parece feito com o bico d'uma agulha.

A exposição dos seus quadros está sendo o grande acontecimento parisiense, e os estrangeiros que aqui estão de passagem vão todos os dias em romaria ao salão da rue de Seze para admirar as obras do artista notavel — havendo uma tal concorrência que ás vezes se tem chegado a recusar entradas.

Paris está glorificando o seu pintor mais celebre.

#### AS EXPERIENCIAS DE PASTEUR

É tão apreciada por muitos dos nossos leitores a curiosa pagina de animaes que apresentamos no 4.º numero da *Illustração* ao fallarmos dos importantes trabalhos de Pasteur sobre a hydrophobia, que não podemos deixar de completar as nossas informações artisticas e scientificas reproduzindo hoje a gaiola onde se mette o cão no corpo do qual se inoculou o virus rabico. Esta gaiola, mandada construir expressamente pelo illustre chimico, é de ferro, de solida construcção, tendo portas duplas para poder dar agua e alimento ao animal sem que o guarda corra o menor risco.

É em numerosas gaiolas, como a que representa a nossa gravura, que se fecham todos os trepanados e os damnados cujo virus serve para inocular nos coelhos.

As experiencias de Pasteur continuam a ser objecto dos mais aturados estudos, despertando enorme curiosidade em todo o mundo scientifico.

Para as grandes experiencias que se hão de realisar em Paris hão de vir comissões de sociedades scientificas de Inglaterra, da Belgica, da Alemanha e da Italia.

Ver no n.º 6 da *ILLUSTRAÇÃO* as gravuras representando a grande festa da Republica franceza em Paris, no dia 14 de julho.

A *ILLUSTRAÇÃO* acaba de receber cartões desenhos das ultimas execuções em Hespanha, desenhos representando detalhadamente o terrivel supplicio do garrote. Apparecem tambem no 6.º numero do nosso jornal.

## CANÇÕES NA AREIA

A LUZ GUINARDES

*Quando na praia flamante,  
Surge a idealissima loira,  
Toda a nossa alma nos oira  
— Pantalísada, anhelante!*

*E até o mar, o gigante,  
Que em convulsões de ira-estoiro,  
Olhando-a, alegre, se doira  
D'umas carícias de amante...*

*Ella, entretanto, mais vaga  
Do que essa Musa que aflaga  
Mendés, Banville e Coppée,*

*Atravessa — a portosa,  
Deixando, volubissima,  
Na areia — a forma do pé...*

*Em noites de lua cheia  
E quando o luar — do espaço  
Forra de laminas de aço  
O mar — que altivo se arqueia,*

*Se a luminosa sereia  
No seu pequenino passo,  
Depois de descer a areia  
Fosse vagar no regaço*

*Das ondas, — berços d'espuma!  
As ondas — ai! uma a uma,  
Ébrias de volupia cérula,*

*Julgariam sem esforço,  
Que lhes boiava no dorso,  
— Uma enornissima perola!*

Paris, 1883.

RAUL DIERER.

## AOS NOSSOS LEITORES

A *ILLUSTRAÇÃO* acaba de instalar os seus escriptorios na rue de Saint-Petersbourg, 6, no grande predio que forma a esquina da place de l'Europe, em pleno centro de Paris, a dois passos dos grandes boulevards.

Com a installação dos actuaes escriptorios a *ILLUSTRAÇÃO* proporciona a todos os seus leitores

### UMA AGENCIA GRATUITA

para quaesquer negocios que elles desejem realisar em Paris, ou seja compra

de livros, ou outros quaesquer artigos — ou sejam simples informações.

Qualquer leitor da *ILLUSTRAÇÃO* pode-nos fazer as perguntas que quizer sobre preços de artigos parisienses, que a todos responderemos por intermedio do jornal, assim como nos encarregamos da compra de qualquer artigo e de o expedir pelo correio ou pelos paquetes do Havre ou de Bordéas, sem por esse motivo recebermos a minima commissão.

Desejam, por exemplo, um livro que acaba de publicar-se em Paris como a *Sapho*, romance de Daudet, e cujo preço é de 3 francos e 50 centimos. Manda-se á *ILLUSTRAÇÃO* um valle de correio, de 4 francos (50 centimos para o porte) e recebe-se o livro na volta do correio tendo-se pago o franco apenas pelo justo cambio, e não pelo preço exorbitante que os livreiros costumam exigir.

### AOS QUE VIAJAM

Todos os nossos leitores em viagem pela Europa e que desejem receber as suas correspondencias em Paris, não tem mais que fazel-as dirigrir aos nossos escriptorios, da seguinte forma:

France  
MONSIEUR X... Z...  
Bureaux de l'Illustration  
6, rue de Saint-Petersbourg.  
PARIS.

Todas as cartas, jornaes, ou encomendas postaes serão guardadas e sómente entregues ao destinatario, evitando-lhes assim todos os encommodes e todas as difficuldades que se apresentam na posta restante de Paris, ou todos os extravios que se dão pelos ho-téis.

Todo e qualquer leitor da *ILLUSTRAÇÃO* que se ache em Paris encontrará nos nossos escriptorios, das duas ás cinco horas da tarde, jornaes portuguezes e brazileiros, e ser-lhes-hão dadas todas as indicações que desejem sobre Paris, taes como: recommendações de hotéis, de estabelecimentos publicos, de theatros, de casas de commercio, etc., etc.

Finalmente a *ILLUSTRAÇÃO* faz dos seus escriptorios em Paris um grande centro de communicações com todos os seus leitores da Portugal e do Brazil — e tudo isto

GRATUITAMENTE!



# OS PASTELLINHOS

Conto d'ALPHONSE DAUDET. — Desenhos de JEANNIOT

N'essa manhã — era um domingo — Theodoro o pastelleiro da rua Turenne chamou o rapazito dos recados, e disse-lhe: — Aqui estão os pastellinhos do sr. Bonnicar... vae levá-los e volta depressa... desconfio que os versulhezes entraram em Paris.

O garoto, que nada percebia de politica, pegou nos pasteis ainda quentes, meteu-os na torteira, a torteira dentro d'um guardanapo, e pondo o bonnet partiu a correr para a ilha de São Luiz, onde morava o sr. Bonnicar.

A manhã estava magnifica, um d'estes bellos soes de maio que fazem apparecer pelas casas das fructeiras os grandes cachos de lilizes e os grandes ramos de cerejas. Apesar da fusilaria a distancia e dos gritos dos clarins aos cantos das ruas, este velho bairro de Paris conservava a sua physionomia socegada. Andava o domingo no ar, bandos de creanças no fundo dos pateos, raparigas saltando a corda diante das portas, — e esta sombra branca que corria pelo meio da calçada deserta com um bom perfume de pasteis quentes, acabava de dar a esta manhã de batalha um tom ingenuo e endominguado. Toda a animação do bairro parecia estar espalhada na rua de Rivoli. Arrastavam-se peças d'artilleria, trabalhava-se nas barricadas: grupos a cada passo, guardas nacionaes atarefados. Mas o rapazito não perdeu a cabeça. Estão tão habituados a caminhar por entre as multidões e o bruhaha das ruas! É nos dias de festa, nos amontoamentos do anno bom, dos domingos gordos que elles tem mais que correr; e as revoluções não os assustam.

Era verdadeiramente engraçado ver o bonnésinho branco deslizar por entre os képis e as baionetas evitando os encontros, ora depressa, ora lentamente, e adivinhando-se sempre o desejo de correr. Que se importava elle com a batalha? O essencial era chegar a casa de Bonnicar no meio dia em ponto, e apanhar a gorgeta que o esperava sobre a meza da antecâmara.

De repente houve uma ondulação terrível na multidão, e os filhos da Republica desfilarão, cantando, em passo acelerado,

Eram rapazolas de doze a quinze annos, carregadas de espingardas, de cinturões vermelhos, de grandes botas, tão orgulhosos por se verem disfarçados em soldados, como em terça-feira de entrudo, com barretinas de papel arrastando um manto grotesco pela luma dos boulevards. Desta vez, no meio dos encontros, o criado do pastelleiro teve grande trabalho em conservar o equilibrio. Infelizmente esta febre, estes cantos, estes cinturões vermelhos, o espanto, a curiosidade, deram ao rapazito o desejo de marchar um bocado em tão bella companhia, e passando sem dar por tal

proximo da casa de Bonnicar, em pouco tempo achou-se não sei onde, envolvido na poeira e no vento d'esta correria desordenada.

II

Ha pelo menos vinte e cinco annos que é uso em casa dos Bonnicar comer pastellinhos ao domingo. Ao meio dia em ponto, quando toda a familia — pequenos e grandes — está reunida na sala, uma campainhada vigorosa e alegre obriga toda a gente a exclamar:

— Ah!... ahi vem o pastelleiro!

Ha então um grande remecheido de cadeiras, um farfalhar de domingo, uma expansão de creanças que riem diante da mesa posta, e todos estes burguezes felizes se installam em volta dos pastellinhos symmetricamente empilhados no esquentador de prata.

N'esse dia a campainha conservou-se muda. Escandalizado, o sr. Bonnicar olhava para o relógio, um antigo relógio tendo no alto um passaro empalhado, relógio que nunca ninguém vio nem atazar-se, nem adiantar-se. As creanças paradas junto das janelas,

espreitavam a esquina onde o rapaz costumava apparecer. As conversações esmoreciam; e a fome, que meio dia tinha approfondado com as doze badaladas implacaveis, dava á ansa de jantar uma apparencia muito maior e muito mais triste, apesar das antigas pratas que luziam sobre a toalha adamascada e dos guardanapos dobrados em forma de cornetas, empanufadas e brancas.

A velha criada já por varias vezes tinha vindo fallar ao ouvido do patrão... o assado que se queima... as ervilhas muito cozidas! Mas só o sr. Bonnicar teimava em não ir para a meza sem os seus



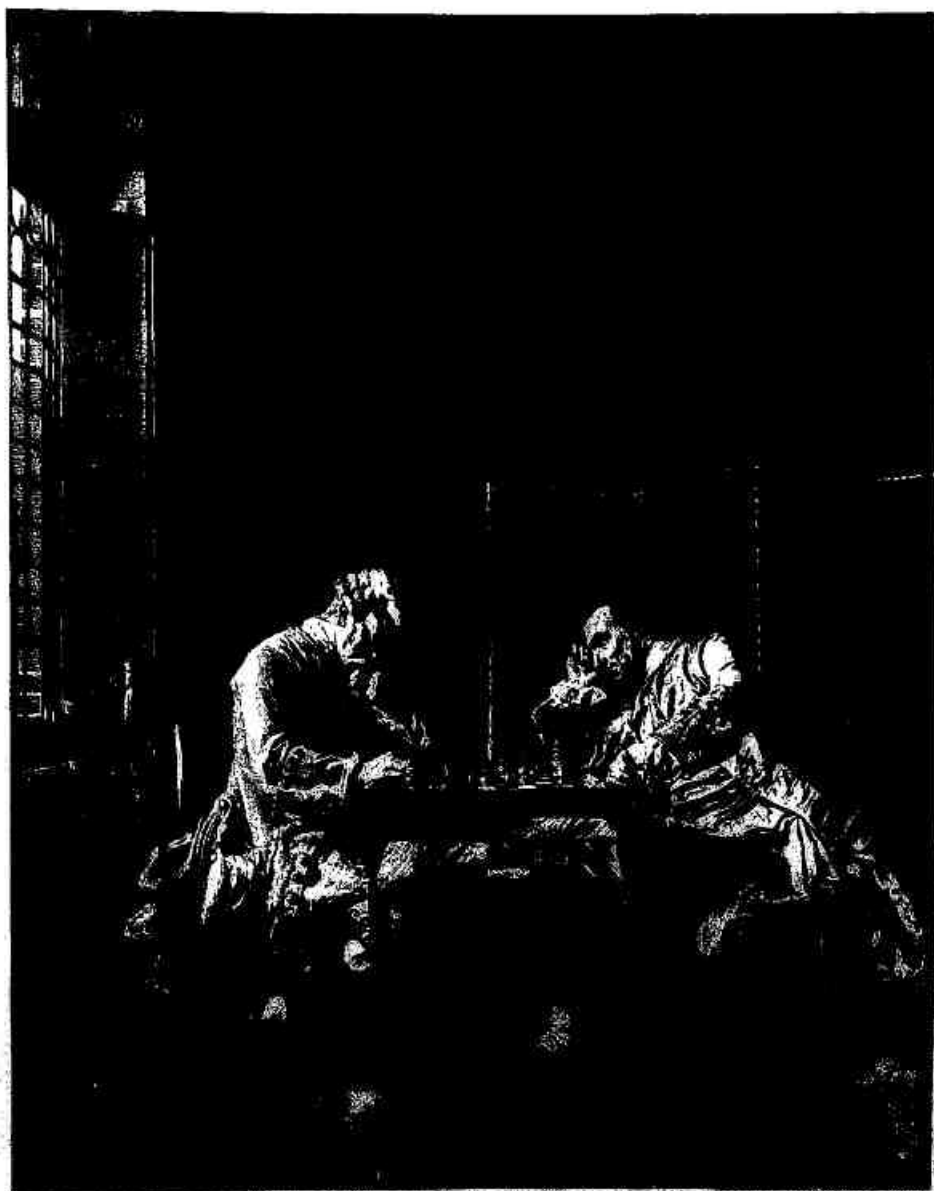
— Aqui estão os pastellinhos do sr. Bonnicar...



PARIS NO VERÃO. — O Jardim das Tulherias.



MEISSONNIER



A PARTIDA DE XADREZ

pastelinhos, e furioso contra o Theodoro resolveu sair de casa e ir informar-se de tão espantoso atrazo. Quando sahio, brandindo a bengala, deveras encolerizado, os visinhos disseram-lhe:

— Tome cautela, sr. Bonnicar... diz-se que os versalhezes entraram em Paris!

Não quiz ouvir reflexões, nem mesmo a fusillaria que vinha dos lados de Neuilly, nem mesmo o canhão de alarme do Hotel de Ville fazendo estremecer todas as janelas do bairro.

— Este Theodoro... este Theodoro! Sempre me sahio bem de boa penha!

E na imaginação da corteza ficava o via-se na pastelaria: no meio da pastelaria, batendo com a bengala no mosaico, fazendo estremecer os gelados das vitrines e os pratos de podins. A barricada da ponte de Luiz-Philippe cortou-lhe ao meio a colera. Havia alguns federados d'aspecto feroz e iracundo, deitados ao sol, no chão em desordem:

— Onde vae, cidadão?...

O cidadão entrou em explicações: mas a historia dos pastelinhos pareceu suspeita, tauto mais que o sr. Bonnicar trazia a sua bella sobrecasaca dos domingos, lunetas d'ouro, todo o ar grave d'um velho reaccionario.

— É um espião! disseram os federados. É preciso mandal-o para o conselho de guerra!...

E immediatamente, quatro homens de boa ventade, a quem não desagradava abandonar a barricada, levaram diante de si, aos empurrões, o pobre diabo sem pinga de sangue.

Nem eu sei o que elles disseram contra o bom do burguez, — mas meia hora depois estavam todos perfilados, e iam juntar-se a um cordão de prisioneiros que devia seguir para Versalhes. Bonnicar protestava cada vez mais, levantava a bengala, contava a sua historia pela centessima vez. Por desgraça, esta invenção dos pastelinhos parecia tão absurda, tão indrivel no meio d'esta grande confusão, que os officiaes desatavam a rir.

— Está bem, está bem, seu velhote... Lá explicará tudo isso em Versalhes.

E pelos Campos-Elyseos, ainda brancos da fumaça dos tiros, a columna desapareceu entre duas filas de soldados.



— Onde vae, cidadão?...

na poeira da estrada, o barulho d'uma enorme chuva de tempestade.

O desgraçado Bonnicar até julgava estar sonhando! A suar, cheio de medo e de fadiga, ia no fim da leva entre duas velhas bruxas que trescalavam a petroleo e a aguardente; e diziam em volta que elle endoidecera, tantas vezes, por entre as suas imprecações, se ouviam estas palavras: *Pastelleiro, pastelinhos!*

O facto é que o pobre homem não sabia onde tinha a cabeça. Nas subidas, nas descidas, quando as filas se abriam um pouco, parecia-lhe ver ao longe, por entre as ondas de poeira, o avental branco e o bonnet do criadito de recados do Theodoro. E imaginou ver isto dez vezes em todo o caminho. Este relampago branco passava-lhe diante dos olhos como que para o excitar ainda mais; depois desaparecia no meio d'este montão de uniformes, de blusas, de farrapos.

Emfim, o dia vinha cahindo, chegaram a Versalhes; e quando a multidão vio este velho burguez de lunetas, esfrangalhado, poeirento, toda a gente con-

cordou que elle tinha um verdadeiro typo de sclerado!

Os soldados tiveram bastante trabalho para o levar são e salvo até ao pateo do quartel. Só ali é que o pobre rebanho poud destróçar, estender-se pelo chão, respirar a vontade. Uns dormiam, outros praguejavam, outros tossiam, outros choravam. Bonnicar, porém, nem dormia, nem chorava. Sentado á beira d'um degrau, a cabeça apoiada a uma das mãos, quasi morto de fome, de vergonha, de fadiga, via passar-lhe pela imaginação este dia desgraçado, a sua saída de casa, os seus convivas inquietos, este talher posto até á noute e que devia esperar sempre — depois as humilhações, os insultos, as cronhadas... tudo isto por um pasteleiro desleixado.

— Aqui estão os seus pastelinhos, senhor Bonnicar!... disse de repente uma voz. E o pobre diabo erguendo a cabeça, ficou boquiaberto e estúpido ao ver o criadito do Theodoro, que tinha seguido os filhos da Republica, offerecer-lhe a torteira que trazia escondida sob o seu avental branco...

E foi assim, não obstante prisão e revoluções e insultos, que o sr. Bonnicar não alterou os seus habitos de comer pastelinhos todos os domingos.



... a cabeça apoiada a uma das mãos...

### III

Os prisioneiros marchavam a cinco e cinco, em filas serradas e compactas. Para impedir que a leva se espalhasse obrigaram-os a ir de braço dado; e o comprido rebanho humano fazia, caminhando

ALPHONSE DAUDET.



## THEATROS

**C**hegou aqui, outro dia, um sujeito que me foi apresentado no *Grand Café*. Vergonha é confessar-o, esse sujeito era português? O Palestramos um pouco. Tendo-lhe dito um nosso amigo que eu me interessava muito por theatro entendeu ser-me agradável entretendo-me com o assumpto.

— O senhor é que ha-de saber, dizia-me elle, qual é o melhor theatro de Paris. Tenho querido ir a um espectáculo qualquer mas sempre recejando ver alguma coisa que não preste. Ha todavia uma peça que por força deve ser boa, visto que se representa no mesmo tempo em todos os theatros.

— ?

— *A clotire*.

— ?

Bem sei. Estou farto de ouvir este caso em anedocta... também eu. E o do outro que tendo corrido todo Paris nos omibras nunca tinha ido ao *complet*. Mas o que eu nunca esperaria era vel-o transformado em realidade, e que fosse commigo que elle se desse.

O mais curioso porém é que este individuo tem ainda outra que se eu a contar não a acreditam o julgam que estou a mystificar-os, palavra de honra.

Lá vai ella, mas de um só jacto.

Chegado a Paris queria hospedar-se no *Hotel de Ville*, onde não entrou porque pelo aspecto devia ser caro para as suas economias.

Estão livres os economicos de ir parar a Mazas ou a Charenton.

Pobre diabo!

Agarrei n'elle e meti-o n'um café concerto. Eu não formo bem ainda uma ideia do que elle pensou d'aquillo tudo; talvez se imaginasse até assistindo a uma das representações da *Clotire*. Abria os olhos, soltava guinchos, alargava os braços, espalmava as mãos, fazia caretas, expectorava observações e despedia pontapés; não era um homem, era um polichinello. Eu, durante tres horas só vi um commisiariado em perspectiva.

Resolvi então fazer que não o conhecia.

— Deixai-o lá. Que fosse preso ou não, pouco me importava no fim de tudo.

Affastei-me sob um pretexto qualquer e vim muito socodadinho para o fundo do jardim.

Aborreci-me.

Comecei então, não sei se por incidencia, a pensar em certas cousas de Lisboa.

Uma entre todas é muito curiosa: o que é um café concerto de Paris e o que se pensa em Lisboa do que seja um café concerto de Paris.

Conversemos isso.

O theatro é morto, viva o café concerto berraram-nos a toda a força de pulmões no dia 30 de Junho, temos de nos conformar. Não pensemos em theatros senão lá para os fins de setembro. Pensemos menos ainda no seu resultado final; foi igual a — zero — como eu já tinha demonstrado.

O café concerto em Paris é uma casa de espectaculos onde o burguez leva a sua burguezia, a burguezia a sua filha, e a filha a sua boneca. Talvez me engane mas creio que disse uma grande phrase e que dei uma boa definição. É para que saibam. A innocencia pura, n'uma palavra.

Não ha já immoralidades, nem devassidões, nem deboches, nem nenhuns d'esses entros infernaes, que roubam o soco do espirito, a sanidade do corpo e a salvação da alma; tudo isso são carapetões. Orgias, bambochatas, conquistas, champagne e amor... historias, tudo historias.

O café concerto é o sitio pacato onde, para entreter uma noite, cada um vai ouvir uma canção com pretexto de tomar um café, e tomar um mau café com pretexto de ouvir uma canção. Não se vai ao

## Café concert

vai-se ao

## Café qu'on sert

e ninguém repara em tal. Prenda-nos elle até a meia noite que é o que nós queremos. Depois Deus dará, somninho ou camarões.

Se uma cantora se descommedir, o empresario despede-a, se um espectador se exaltar a policia prende-o. Champagne, ha-o as vezes, lá por cima, na galeria, onde estão as mezas dos jantares, mas como vinho ordinario e não como a ambrosia dos Deuses que nós em Lisboa acatamos ao depur sobre a niveu toalha uma *arcentote* augusta das caves de Montebello ou de Goutet.

Por lá — pae do Ceul pensa-se exactamente o contrario!

Não sei se quem importou na nossa terra uma versão orrada, subversiva e exultada do que era um café concerto de Paris seria um trocista, um intrujão ou um malvado. Não sei. O caso é que o acreditaram.

Se apparece uma companhia, resto das inaceitaveis nas provincias francezas, o publico recebe-a curvado, adora-a reverente e immortaliza-a apaixonado, crendo com fervor que dentro do paquete de Bordeaux ou do Havre não foi uma companhia que lhe chegou mas sim um bocado de Paris, d'esse Paris tão decantado que poderá semente a vontade nos Recreios ou no Passeio Publico.

E começam em seguida o sangue quente a borbulhar e as honras orgulhosas a palarem. Principia cada qual a ver a melhor forma de enxertar na diabolica franceza um pouco da gommosidade lisboeta, da genuina, d'onde possa sair o producto mixto que brinde emfim Lisboa com uma *Cocotte* ou com um *Vlan*.

E despeitos e questões e intrigas e... pancadaria. Empresario ha até que, conhecedor intimo das fraquezas affacinhas, toma por sua conta toda a parte bella da companhia para evitar que alguém, roubando-o, a faça faltar ao repertorio.

Em Lisboa não se comprehende o amor sem rapto e os raptos são o diabo para os bons creditos d'um theatro.

A noite, tristes e inconsolaveis lá vão para o concerto sem acharem o *tic* o tal *tic* que é ainda a pedra philosophal de muita gente.

E berram para animar, e acompanham o canto para imitar Paris (so que dizem), e bebem alguma cousa que nem sempre se parece com champagne e quebram na quinta das messas os copos de capilé para que d'entre o riso do publico e o estribilho das cantoras, saia o tintilar de vidro parido que dá a animação, que dá o prazer, que dá a idea do tal *tic* e do tal champagne.

A saída entao-se as canções de maior voga ou as da primeira dama, com quem de ordinario estão sempre em muito boas relações e o:

*On connaît toujours sa maman*

*Certainement.*

*Lorsqu'il s'agit de son papa*

*Ce n'est plus ça.*

Vae confundir-se com os sons lugubres da flauta de um musico que pede esmolla.

É então o momento dos *modios* em trenz de praça e... o chefe de familia que recolhe com a prole d'um lotosinho a dez reis, tem um olhar discreto que affasta das cortinas corridas e um cobre caridoso que cae no chapéu do flautista.

Ninguém se divertiu, todos fingiram divertir-se. Um erro em que a humanidade gosta de andar.

Um café concerto não é nada d'isso. É um espectáculo como outro qualquer ou mesmo mais banal do que outro qualquer. Não pensem que exagero. As cantoras não são nenhuma vestaes, mas os espectadores não são também nenhuns... Magrícios.

A canção está decalçada, é certo, mas desde Theresa que o publico se habituou tanto a essa decalancia, que quasi sempre acompanha a dos costumes d'em povó, que nunca familia alguma pensou que, entrando n'um café concerto, se poderia sair adultera ou extrayagante.

Já alguém disse e tem-se confirmado que a historia de um paiz se poderia formar pelas suas canções. Beranger é uma prova.

Como os theatros, os cafés concertos tem os seus idolos e coisa interessante é na verdade o enthusiasmo com que são acolhidos e a recompensa com que são pagos. Para isso terra alguma como Paris.

São talvez oito os generos de cantores de café concerto.

Tres, resumindo a parte grave do espectáculo offendem-nos em soprano, em barytone e em tenor, o tympano do ouvido. Para elles não ha nada sagrado em musica: traatearem o *Pitt River* ou uma aria qualquer do *Hamlet* ou da *Dimurah* como eu já tive a coragem de ouvir, é empreza mais facil do que a nossa em escuta-la. De ordinario uma dama de vestuario muito vistoso, ou dois encusados muito direitos são os carrascos dos grandes maestros. Vulto algum conseguiu ainda destacar-se da penumbra onde todos passam de mão no peito e olho em alvo e como carrasco. *Monsieur de Paris* tem-lhes tomado a dianteira.

Ha a congoneta parisiense, a arisinha ligeira e alegre, de Hervé que nos deu a *Judic* e a *Theo*. A canção saltitante, caninha, que nos alegria o espirito e nos espicaça a sensualidade, a musicosinha leve que emballa docemente os dialogos ideaes de dois amantes ou lhe salpica as phrases escabrosas. *Judic* e *Theo* crearam o genero e com ellas morrera talvez a sua criação. Uma cantora ha hoje que se lhes aproxima, Duparc, mas com grande difficuldade.

Temos depois o genero *Theresa*, a canção grossa ou a canção triste. Parece impossivel que uma só interprete possa colorir bem ambas, não é assim: Pois pode! É sem duvida um segredo que será enterrado com a rainha da canção, como os francezes lhe chamam, mas é um segredo que existe. Theresa cuja historia longa e interessante ella propria escreve talvez para dispensar de trabalhos os vitoriosos que a queiram conhecer, Theresa faz-nos rir ou chorar seis vezes na mesma canção. As imitadoras, tem sido aos centos mas nenhuma ousa accentuar sequer a sua pretensão. Ainda assim — para que de todo não se perca o genero — ha a *Demay* e a *Faure* que querem substituir o talento da creadora por uma infinidade de gestos e de esgares a maior parte das vezes disparatados e quasi sempre improprios. Uma grande barreira as separa sempre de Theresa. Theresa — faz-nos chorar ou rir quando quer. As outras fazem-nos sorrir quando nos querem fazer rir e rir quando nos querem fazer chorar.

Em homens, alem dos que tomam a coisa a serio, ha *Paulus* o cantor da moda, um semabórão que a custa de caretas e de uma forma exquisita de dizer e não do cantar as cançonetes, tem adquirido uma reputação parisiense e uns ordenados que fariam inveja a um nosso ministro de estado. Seis mil francos por mez! Creou um genero que não tem cousa alguma que o recomende e que por adeptos tem muitos candidatos que se propoem aos seis mil francos mas dos quaes só um se destaca pela sua finura e distincção: Gilbert, um rapaz de boa sociedade cuja má cabeça arrastou para um pulco de café concerto.

Paulus, porém, como todas as modas, passará e elle tão bem o comprehende que mais acastellado do que a cigarra se faz pagar caro, para que possa agora cantar... e dançar tambem depois, quando já não o apreciarem. E tal importancia tem este cavalheiro tomado sobre o espirito parisiense e sobre a scena de café cantante que já por duas vezes o tenho visto obrigar a sair espectadores que lhe fazem a grave offensa de repetir com elle o *refrain*.

Que isto sirva de apontamento aos que fustasiam por ahí que o café concerto é um logar de desordem e de barulho.

Alem de Paulus ha o *typo toqué* — em linguagem propria — com um grãosinho na aza, creado por *Bourgès* e muito imitado. Quero fazer justiça ao creador de que não o inventaria para encobrir algum defeito particular.

Finalmente o *gommoso* ou o *amaricado* representados por *Libert*, um elegante, por *Sulbac*, um exquisito com nariz a carneiro, e por *Mauriel*, um bom actor que já ha muito deveria ter descampado dos jardins de verão, para um bom theatro de inverno, o *velho* que uma ou outra vez ainda nos lembra os versos de Beranger, como *Perringuet* por uma canção por noite recebe no fim do mez a significancia de 1,800 francos e os espectadores defeituosos como *Brunin*, *Fusier* ou *Challier* que se tornaram conhecidos por trucs que nem sempre compensam a pouca habilidade.

Eis citados os nomes dos accordores e sacerdot.

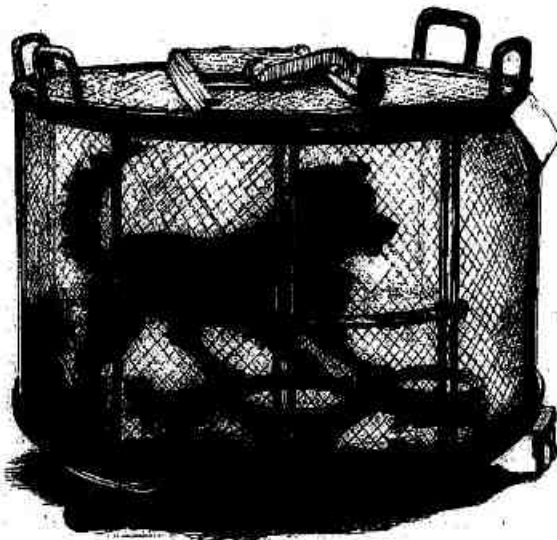


tians do templo do Café Concerto, nomes que creio nunca teriam os ouvidos de Lisboa e que Lisboa jamais glorificou com os seus applausos e com as suas ceias que seriam de certo mais scientíficamente bomidas por estes do que pelos outros que se tem papado por lá. Sacerdotes e sacerdotisas que fornecem a canção da moda como *Derniere Foudrains*, la *Rachere de la paleritte*, l'Été de la *Saint-Martin*, les *Fénixes* des bois, *En l'honneur de Suresnes* e todo o repertorio que do pasto ao assobio parisiense como em Lisboa chamaria o *delirium tremens* de todos os pinhos da Rua dos Fanqueiros.

ANUÁRIO. — Fachuco o theatro do Gymnasio  
Gomes-Mattreia. Para pica cujo rendimento  
não foi nunca estinguido em Paris sem por  
qualquer outra que tivesse tido maior exito.  
Este extraordinario theatro de dinheiro (em  
causado no suzer rivalidade que o puerres)  
literario ao por as talas que não trouxeram,  
Matro que para humo qumqz fabulosos não  
entraram de ditos recedidos da Hollanda, da  
Belgica e da Austria, e que não por sommas de  
pauzes-las, que poderiam servir da imitação  
Algal-las nos Ingleses e nos Franceses. Leidy  
Gomes do theatro ingenuamente representa-  
ção em Portugal com o titulo de O grande  
Industrial, extracto deley e noster nio-partilha  
nem os paragens que o traductor recebe dia a  
dia, Rm todo o caso e noster de ludo Georges  
Obnet fez-se uma razão e uma fortuna. —  
Manzili o celebre autor das conhecidas bailes  
phantasicoas Exceção de Sile, sobre de compôr  
outros, Amer, que está jh a ensinar em Milão  
e que brevemente, em Paris, subiti a com  
da Eden-Theatre. — Pensou-se em representar  
pito a epocha de Pedro-Silva e de  
Bossa e Jullias cabento e o papel de Ramon a  
Saith Berahanti e o da Jullia provavelmente  
— Norma Bernhard! Inim da grande tragica  
francesa e que especialmente veio escripturada  
de Russia para este theatro — Jello Richpen  
o conhecido noster das *Blasphemias* e da  
Gila e cujo recato ornava uma das paginas do  
n.º 4 da *Illustração*, tomou, com a sua erpe-  
tologia em Paris do seu Mosa-Saith, dociali-  
zação pelo plico. Propõe-se le representar a  
Londra o Obnet no proprio idioma de  
Shakespeare em Paris da *Alfado* para sua  
representação com sua allucinação na pica e com suas innovações no  
necario que está considerando, com uma peca nova, — Ricardo III  
este para o amor, a sexta do italiano, — Voz vinda-se o elegante  
theatralino *Rouissouze*. — A nova operetta de Lecocq tem por titulo  
*Kissall e Africa*. — Publicou-se um volume de pegas theatras exclu-  
sivamente para serem representados em salões e só por senhoras.  
Noma: *Theatre pour dames*. — Olivier Metra está compoñdo a musica  
para uma opern comete chamada *Le petit-pierrot*. — As pegas  
novas que devesa subiti a scena dos theatros de Paris, nos principios  
da epocha futura são: *Un Parisien* (Gaudiss), *Seconde et sa femme*  
*Tha* (Savelli), *Un d'ancien* e *Antiquaire Rigault*, no Comedie, —  
Lundra e *L'Amour* e *Le mariage* e *Le mariage* no Gymnasio, —  
Toulfin, *Juste flamme* na Paris-Bogal. — *Le ludo et la belle* (tragico)  
no Galdé. — *Guerre* no Varietés. — *Famille du Temple* e *Yvonne*  
dey (op. comica) no Folies-Dramatiques. — Olivier Terrii no  
Amigui. — *Mons Capello* no Theatre Lyrico Popelar.

# PASSATEMPO

**A**o aparecer no 3.º número da *Illustração* o novo gênero do passatempo, gênero que tomou início das jornais alemães e dos jornais ingleses, apresentando dois Exercícios e um Caminho difícil, de todos os lados nos cho-  
varam cartas de pessoas que desejavam conhecer nos-  
sosos prêmios artísticos, enviando-nos vastas listas de



## AS EXPERIENCIAS DE PASTEUR

**A galinha não os cães inoculados.**

palavras que resultavam da combinação das 34 letras que compõem o nome do sr. — Antonio Maria de Foutes Pereira de Mello. Não podemos ainda decidirmos pela entrega do prêmio a este ou àquelle assignante por que ainda esperamos por outras soluções de que fomos já prevenidos e que nos vão chegar por estes dias.

Todos aquellos dos nossos leitores que desejarem colaborar nesta secção, não tem mais que dirigir as suas cartas ao escriptorio da *Illustração*, 6, rue de Saint-Petersbourg, Paris.

Conforme desejo expresso por alguns dos nossos assinantes também aceitamos as charadas, logographos, ou enigmas illustrados que nos queiram enviar, encarregando-se o autor de pagar a publicação.

ganda-se a **ilustração** de corrigir o desenho e de mandar fazer a gravura, que virá acompanhada com o nome do autor.

Para maior facilidade de relações entre os assinantes e a redacção do jornal estabelecemos no fim d'esta secção uma correspondencia onde terão resposta todas as cartas que nos forem dirigidas sobre o assumpto **Passatempo**.

Apresentamos hoje aos nossos leitores um novo gênero de *Exercícios*, extremamente ingenuo mas muito difícil e de grande paciência, o que é imensamente popular na Alemanha e na Inglaterra, donde nós o importamos :

## KKKUCICIO N.º 2

## A PREMIO

Transformar uma palavra de oito letras diferentes em outra também de oito letras, totalmente diversas, empregando o menor número de palavras intermediárias.

### Explicação

Este exercício consiste em transformar uma palavra n'outra com igual numero de letras intrinsecamente diferentes, pela transmutação successiva de palavras em palavras, com alteração d'uma só letra (uma só) = Exemplo : Quecamos transformar a palavra *Vida* em *Casa*. Teremos : *Vida* = *Visa* = *Vasa* = *Casa*. = Outro exemplo mais difficil : Transformar *Roma* em *Pisa*. Temos : *Roma* = *Rema* = *Remo* = *Rimo* = *Riso* = *Piso* = *Pisa*. = Estes d'ouros exemplos, como vêem, são muito faveis por que tanto na palavra de partida ha as letras egues. As palavras que se deverão ser genuinamente portuguezas, de palavras extrangeiras, nem acentos eves escollidas não temham. Escusado o merito d'este exercicio consiste em tor numero de palavras intermediarias.

**Nota.** — Os prémios serão sempre magníficos artigos portugueses, perfeitos para Portugal e para o Brasil. Todos os prémios são em duplicado, sendo um para os leitores da Europa e outro para os leitores do Brasil.

A ILLUSTRACÃO  
REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRASIL

**DIRECTOR : MARIANO PINA**

# AGENTE NO BRASIL

GAZETA DE NOTICIAS. — Rua do Ouvidor, 70. — RIO DE JANEIRO

# AGENTE EM PORTUGAL

**DAVID CORAZZI.** — Rua da Atalaya, 42. — LISBOA

## AVISO DA ADMINISTRAÇÃO

Pedimos a todos os nossos leitores de Paris que desejem receber regularmente a **ILLUSTRACAO** a especial fineza de enviar os seus nomes e moradas ao escriptorio do nosso jornal, 6, rue de Saint-Petersbourg.

O preço da assignatura em Paris é de 12 francos por semestre, ou serie de 12 numeros, e de 24 francos por anno, ou serie de 24 numeros. O preço da assignatura no resto da Europa (excepto Portugal) é de 14 francos por semestre e de 26 francos por anno.

**AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE**